



A secular mangueirã, onde os índios eram castigados pelos colonizadores, hoje é um dos marcos históricos na luta dos Pitaguarí



A capela
construída
pelos
fazendeiros
em
homenagem
a
Santo Antônio

Visita da Funai

Hoje em dia, os anseios da nação indígena dos Pitaguarí estão direcionados para a data em que representantes da Fundação Nacional do Índio (Funai) visitarem a área e cumprirem o prometido: a identificação e delimitação da terra. A promessa, segundo o pesquisador Carlos Alencar, foi feita por um dos diretores da Funai, Marcos Clemente. O reconhecimento pelo governo das terras indígenas faz parte de campanhas que ao longo dos anos vêm sendo realizadas pelos grupos de índios do Ceará com apoio de vários segmentos da sociedade.

A movimentação em apoio à identificação e delimitação de áreas indígenas em Santo Antônio do Pitaguarí vem recebendo a solidariedade de várias entidades não-governamentais, da Igreja e de poderes constituídos em Maracanaú. Recentemente, a Câmara Municipal daquele Município votou moção de apoio à causa, defendendo os povos Tapeba (Caucaia), Tremembé (Almofala), Genipapo-Canindé (Aquiraz) e especialmente os Pitaguarí. Segundo o secretário de Educação, Cultura e Desporto do Município, professor Marcelo Farias, está sendo idealizado um projeto que objetiva a revitalização da memória daquela nação indígena. Um centro cultural constará de um galpão para venda de artesanato criado pelos índios, área para exposições e outros locais destinados à preservação da cultura dos Pitaguarí.

(190)

Índios Pitaguari querem resgatar memória

Através do ritual secular da coreografia e da mensagem do toré, os índios Pitaguari, residentes em Santo Antonio do Pitaguari, no município de Maracanã, reclamam o direito à sua identidade étnica. Semelhantes a outros povos indígenas cearenses, como os Tapeba, os Genipapo e os Tremembé, na busca de suas raízes, tradições e a posse do seu aldeamento natural, as centenas de famílias dos índios Pitaguari continuam tentando preservar seus fundamentos e direitos como povos indígenas. Hoje, eles realizam a romaria juntamente com outros povos indígenas numa celebração comunitária pela restauração dos bens culturais, ambientais e pelo reconhecimento por parte das autoridades.

A área de 703 hectares, localizada na serra da Aratanha e adjacências, onde hoje habita a maioria dos Pitaguari, é a mesma onde viveram seus ancestrais há séculos. Os primitivos foram capturados pelos colonizadores em outras regiões e utilizados como mão-de-obra para a agricultura e criação de gado. A história dos primitivos é marcada por trabalho forçado e múltiplo sofrimento. Aqueles que desobedeciam ordens, recebiam castigos horríveis amarrados numa grande mangueira ou presos em cubículos. Muitos foram assassinados e dizimados por doenças trazidas pelos brancos.

Segundo o pesquisador Carlos Alencar Ratts, através da preservação dos valores da tradição, os grupos indígenas do Ceará têm hoje em dia a luta principal que é a campanha pela demarcação da terra. No caso específico dos Pitaguari, a luta pela autonomia daquele povo vem de longe. Segundo ele, foi durante o Século XVI que aconteceu no Ceará o projeto colonial dos aldeamentos que era a missão realizada pelos jesuítas para agrupar os índios numa determinada área. E que tinha o objetivo de desmantelar a cultura dos povos indígenas e formar um grande exército de defesa e de mão-de-obra das fazendas e na criação de bois. Nessa época surgiram os aldeamentos do Paupina (Messejana), Arronches (Parangaba), Soure (Caucaia) e outro menor como o de Santo Antônio de Potiguari ou Pitaguari.

Eram mais duas dezenas de nações indígenas e eles andavam nus, caçavam, pescavam e cultivavam cereais como milho, feijão, abóbora, batata-doce e tubérculos. A perseguição começou com a implantação das primeiras fazendas de gado. A maior ação guerreira contra os índios aconteceu em 1713, quando eles atacaram Aquiraz, sede do poder colonial e a primeira capital do Ceará. Depois, tropas mais numerosas vieram de São Paulo para acabar, de vez, com os índios. Os sobreviventes, então, passaram a vagar pelos sertões e pelos aldeamentos em busca de segurança e sobrevivência.

No caso dos Pitaguari, Alencar Ratts localizou documentação antiga, datada de 20 de abril de 1722, na qual o capitão-mor Manoel Francês doa aos índios da antiga Aldeia Nova, meia-léguas de terra, numa tentativa de salvar alguma área invadida pelos colonizadores. Já em 1850, assegurados pela lei 601 de 1850 sancionada pelo imperador D. Pedro II, Marco Arcoverde juntamente com 21 índios registraram no cartório de Maranguape as terras de Santo Antônio do Pitaguari. "Depois de várias tentativas, o presidente da Província do Ceará, José Bento da Cunha, legalizou a usurpação das terras dos índios em favor dos grandes proprietários rurais. No mesmo ano, 1863, em carta enviada ao Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, foi feita uma reclamação, segunda a qual, os índios estavam sendo perseguidos no Pitaguari", salienta o pesquisador.

A tomada de posse da terra pelos fazendeiros da região, através da força e tornando os descendentes dos índios primitivos em caboclos empregados, suscitou o surgimento da denominação de Santo Antônio do Pitaguari. Acontece que alguns latifundiários devotos do "santo casamenteiro" conservavam uma capelinha com a imagem do santo. Só que, por várias vezes, a imagem do padroeiro do lugar desaparecia e sempre era encontrado num buraco. Curioso é que a instalação, em 1933, da escola para menores delinquentes e abandonados, naquela área, provocou uma lenda contada de forma distorcida. Nos anos 60 e 70, muitos pais amedrontavam crianças rebeldes e desobedientes ameaçando internamento no "Santo Antônio do buraco".

Hoje em dia, a escola de recuperação está completamente desativada, as instalações deterioradas e toda área do Pitaguari é administrada pelo Estado, através da Empresa de Pesquisa Agropecuária do Ceará. Filho do casal Paulino da Silva e Emília Conceição da Silva, o índio pitaguari Damião Paulino da Silva, 50 anos, é um dos entusiastas defensores pela retomada da terra que um dia foi da sua gente. No canto do toré, ele transmite toda a melancolia e o amor ao chão nativo: "Sou filho do pó da terra. Sou filho da natureza. Quando a terra é desmatada os índios sentem a tristeza. As raízes se levantam, olhando o povo dali. É o sinal da natureza e dos índios Pitaguari".

Eliézer Rodrigues
Da Editoria do Caderno 3

VIDE - VERSO